



O ex-presidente Jair Bolsonaro deixa sede da PF após depoimento feito em outubro passado. Paulo Lacerda - 18. out. 23 / Folha Press / FAP

Bolsonaro reclama e diz que sofre 'perseguição implacável'

Ex-presidente afirma à Folha que ainda estava se informando sobre a ação

Mônica Bergamo
e Thaisa Oliveira

SÃO PAULO E BRASÍLIA. O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) reclamou nesta quinta (8) das investigações que tem sofrido desde que deixou o cargo. "Sai do governo há mais de um ano e sigo sofrendo uma perseguição implacável", disse Bolsonaro numa ligação de WhatsApp por vídeo à jornalista Mônica Bergamo. "Me esqueçam, já tem outro governando o país", seguiu.

Além de determinar a entrega do passaporte, a PF informou a Bolsonaro que ele está proibido de se comunicar com os outros alvos da operação. Ele disse à coluna que estava ainda se informando das buscas e apreensões e das prisões e que não poderia dar mais declarações. Em rede social, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro ironizou boato de que teria "lido para os Estados Unidos". Em vídeo, ela aparece ao lado de um assessor e mostra a janela, em Brasília. "Tu tá na Disney já?", diz.

Em outra publicação, lembrou comentário da atual primeira-dama, Janja, sobre a possibilidade de prisão de Bolsonaro. "Se tudo der certo... Lembra? Pois bem, eu crevia Michelle abusa de reprodução da notícia de que o marido precisaria entregar o passaporte.

Janja disse, em dezembro,

4 Ricardo Nunes

diz não ter como

comentar operação

Pré-candidato agitado

por Jair Bolsonaro (PL)

na eleição em São Paulo,

o prefeito Ricardo Nunes

(MDB) evitou comentar

o fato de o ex-presidente

estar na mira da PF.

Questionado durante

a inauguração de uma

UBS, ele, que já disse

considerar Bolsonaro um

democrata, afirmou que

ele não tinha o que comentar

sobre o conteúdo de uma

mensagem de WhatsApp.

Então ele não tinha, assim,

algum comentário para

fazer de algo que eu não

tenho um profundo

conhecimento", disse.

em encontro do PT. "O inominável está indelegível, e se tudo der certo, logo ele vai sair... sem completar a frase, mas fazendo o símbolo de cabeça com os dedos em formato de xadrez.

O deputado federal Edmar do Bolsnaro (PT-SP) criticou a operação da afirmando nas redes que "a política do Brasil hoje é feita no Supremo".

Ele sugeriu que as decisões do ministro Alexandre de Moraes foram perseguição política. Ressaltou que a operação de busca e apreensão na casa do ex-presidente em Angra dos Reis, na última semana, ocorreu um dia após o release de Bolsonaro às livres, e que a ação foi um dia depois de um "grande ato" a favor do pai em São Sebastião (SP).

Em nota, o advogado do ex-assessor preso Filipe Martins, João Vinícius Marosus, disse que não teve acesso à decisão que fundamentou as medidas e que já solicitou "acesso integral dos autos para estudo e posterior manifestação".

O ex-comandante da Marinha Almir Gernier Santos enviou mensagem a amigos informando sobre as buscas da polícia em sua casa.

Ele disse que agentes da PF levaram "telefone e papéis", e, em tom espiritualizado, pediu orações. "Levaram meu telefone e papéis de projetos que venho buscando atuar na iniciativa privada. Peço a todos que orem pelo Brasil e por mim. Continuamos juntos na fé, buscando sempre fazer o que é certo, em nome de Jesus. Obrigado".

Aliaados de Bolsonaro também saíram em defesa dele após a operação desta quinta.

O senador e ex-vice-presidente da República Hamilton Mourão (Republicanos-MS) afirmou que "inspetores eternos" sob a "pretensa tentativa de golpe" atacam a honra e integridade de chefes militares "que dedicaram toda uma vida" ao país.

Em discurso na tribuna do Senado, Mourão conclamou os comandantes das Forças Armadas a não se omitirem contra o que chamou de "condenação arbitrária de processos ilegais que atingem o equilíbrio do ócio". Segundo a PF, teria participado, com Mauro Cid, de monitoramento de Moraes

Quem é quem na operação que mira Bolsonaro



Jair Bolsonaro, ex-presidente
Ex-presidente passou o mandato atacando o STF e mentindo sobre as urnas. Segundo a decisão que autorizou a operação desta quinta, ele teria tido acesso e pediu modificações em uma "minuta do golpe", mantendo a previsão de prisão de Moraes



Valdemar Costa Neto, presidente do PL
Presidente do PL, atual partido de Bolsonaro. A sigla chegou a apresentar pedido para contestar resultado da segunda turno, negado. Sobre operações da PF contra Rangel e Carlos Bolsonaro, afirmou que tinham motivação eleitoral



Anderson Torres, ex-ministro
O ex-ministro da Justiça de Bolsonaro foi preso em razão de possível omissão envolvendo o 8 de janeiro, e, só depois, foi encontrada na casa dele uma minuta com teor golpista, segundo a PF. Em depoimento no TSE, nega intenção de golpe do documento



Filipe Martins, ex-assessor de Bolsonaro
O ex-assessor para Assuntos Internacionais foi preso nesta quinta. Filipe teria apresentado ao ex-presidente a minuta golpista encontrada na casa de Anderson Torres. Ele fazia parte do núcleo que tinha o filósofo Olavo de Carvalho como guru



Tércio Arnaud, ex-assessor de Bolsonaro
Tércio Arnaud Tomaz é ex-assessor presidencial da Presidência, próximo ao ex-presidente, chegou a ser apontado como o líder do chamado "gabinete do ócio". Segundo a PF, teria participado, com Mauro Cid, de monitoramento de Moraes



Major Rafael Martins, militar do Exército
Rafael Martins é major das Forças Especiais do Exército, e também foi preso na operação. Segundo a investigação, teria articulado manifestações golpistas em Brasília. Ele teria feito o planejamento com Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro

Cid e auxiliares monitoraram Moraes e orientaram golpistas

BRASÍLIA. Com ajuda de outras pessoas, o tenente-coronel Mauro Cid, que foi ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), monitorou a agenda e o deslocamento do ministro do STF Alexandre de Moraes, presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). A informação consta em documentos da Operação Tempus Veritatis, deflagrada nesta quinta (8).

Segundo a polícia, o objetivo era que o ministro fosse preso assim que ocorresse o golpe de Estado que os aliados de Bolsonaro são suspeitos de terem planejado após a derrota eleitoral em 2022.

Cid também deu orientações sobre onde manifestantes golpistas deveriam fazer os seus atos. As mensagens estavam no celular de Cid, que fez um acordo de delação premiada.

Em 16 de dezembro de 2022, outro ex-assessor de Bolsonaro, Marcelo Câmara, mandou a Cid um itinerário. "Vá para São Paulo hoje (15/12), retorna na manhã de segunda-feira e vá novamente para SP no mesmo dia. For enquanto não retorna a Brasília para posse do ladrão. Qualquer mudança que saiba lhe informar", diz.

Nos dias 21 e 24 do mesmo mês, Cid questiona Câmara sobre "onde está a professora", e Câmara respondeu: "Na residência em SP. Eu não sei onde fica".

Esses deslocamentos são coincidentes com o de Moraes à época, e os investigadores afirmam que "professora" é um codinome utilizado para o ministro. Câmara foi preso nesta quinta.

Segundo a Polícia Federal, Câmara tinha presenças nos dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de dezembro o itinerário exato de deslocamento de Moraes nos 15 dias seguintes, o que demonstra "acesso privilegiado de informações pelo grupo".

Outro que teve mandado de prisão foi o major Rafael Martins e Oliveira, conhecido como Joe, que era o interlocutor de Mauro Cid nas discussões sobre onde deviam ocorrer as manifestações.

Em 11 de novembro de 2022, ele solicitou orientações a Cid sobre locais para a realização dos atos e se as Forças Armadas garantiriam a permanência de pessoas no local.

Segundo a PF, Cid disse que os alvos ao Congresso e Supremo e sinalizou que as tropas garantiriam a segurança das manifestações.

Logo após, os dois trocaram mensagens de chamamento para as manifestações do feriado de 15 nov. 2022 (Proclamação da República), o que demonstra que os protestos convocados não se originavam da mobilização popular, mas sim da arregimentação e do suporte direto do grupo ligado ao então presidente Jair Bolsonaro, como estratégia de demonstração de "apoio popular" aos intentos criminosos", afirma a PF.

Ação da PF desta investiga uma organização criminosa que, diz a PF, atuou no gesto feito às costas do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, tinha conotação racista. Acabou abolindo a primeira instância em 2021.

No início de 2023, com Bolsonaro fora do governo, ele foi convidado pelo PL para trabalhar no partido. Ensauciou tentativas de planejar com Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro

condenação arbitrária de processos ilegais que atingem seus integrantes ao largo da Justiça Militar. Existem oficiais da ativa sendo atingidos por supostos delitos, inclusive oficiais generais. Não há o que justifique a omissão da Justiça Militar", declarou. Horas após o discurso, Mourão afirmou à imprensa que defende que a investigação contra militares "que eventualmente podem ter cometido crimes" tramite na Justiça Militar. O caso está hoje na Justiça comum, sob responsabilidade do STF (Supremo Tribunal Federal).

Ao ser questionado sobre a informação da PF de que a intenção era prender o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e outras autoridades, o líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (PL-RN), afirmou: "Prisão do Pacheco? Coisa boa".

Já a senadora e ex-ministra Damara Alves (Republicanos-DF) afirmou que encabeçou a operação "com indignação, mas nenhuma surpresa".

O vice-presidente do PL, deputado federal Capitão Augusto (PL-SP), divulgou uma nota em que afirma que a liderança de Valdemar Costa Neto no comando do PL é "maladiva". Valdemar foi alvo de busca e apreensão e acabou preso em flagrante por porte ilegal de arma de fogo.

A Folha procurou a defesa de Bolsonaro, Anderson Torres e Augusto Heleno, mas não teve resposta. A reportagem não conseguiu falar com o ex-ministro Paulo Sérgio ou sua defesa.

Preso nesta quinta, Filipe Martins tem Olavo como guru

Um dos alvos desta quinta, Filipe Martins era parte do núcleo que tinha o filósofo Olavo de Carvalho como guru.

Nomeado assessor especial logo no início da gestão Bolsonaro, ele chegou a integrar a transição de governo no grupo de Ernesto Araújo, que foi chanceler em parte da gestão.

Martins protagonizou episódios polêmicos por declarações e atitudes. Ele chegou, a ser denunciado pelo Ministério Público, que concluiu que um gesto feito às costas do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, tinha conotação racista. Acabou abolindo a primeira instância em 2021.

No início de 2023, com Bolsonaro fora do governo, ele foi convidado pelo PL para trabalhar no partido. Ensauciou tentativas de planejar com Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro